

DESDENHANDO DE VIDAS, COMPACTUANDO COM A MORTE: ANÁLISE DAS FALAS DE BOLSONARO PARA VILIPENDIAR A VACINAÇÃO CONTRA COVID-19 NO BRASIL

Maiune de Oliveira Silva¹

Resumo: Mediante a metodologia de pesquisa bibliográfica e documental, o artigo em tela tem como objetivos discutir e analisar trechos de falas do presidente Jair Messias Bolsonaro sobre a aplicação de vacinas no Brasil. As entrevistas foram dadas por Bolsonaro entre julho de 2020 a março de 2021, período que abarcou intensas declarações do presidente acerca da produção das candidatas a vacinas, da aprovação dos compostos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), bem como da compra e aplicação dos imunizantes no país. A discussão teórica foi realizada com base no conceito de palavra pela perspectiva lexical à esteira de Biderman (1984, 2001); Coelho (2006, 2019); Abbade (2011), entre outros. Os resultados apontaram que nas escolhas lexicais do presidente há um *continuum* do movimento antivacina idealizado nos idos oitocentistas, agravado pela praticidade da era digital.

Palavras-chave: Coronavírus. Vacinação. Jair Bolsonaro. Conceito de palavra. Escolha lexical.

NEGLECTING LIVES, GOING ALONG WITH DEATH: ANALYSIS OF BOLSONARO'S TALKS TO DESPISE COVID-19 VACCINATION IN BRAZIL

Abstract: Through the methodology of bibliographic and documentary research, the article under discussion aims to scrutinize and analyze excerpts of talks by President Jair Messias Bolsonaro about the application of vaccines in Brazil. The interviews were given by Bolsonaro between July 2020 and March 2021, a period of time that encompassed intense allegations by the president about the production of vaccine aspirants, the approval of its compounds by the National Health Surveillance Agency (ANVISA), as well as the purchase and application. of immunizations in the country. The theoretical discussion was carried out based on the concept of word from the lexical perspective in the wake of the following authors, Biderman (1984, 2001), Coelho (2006, 2019), Abbade (2011), among others. The results demonstrated that in the lexical choices of the president there is a continuum of the anti-vaccination movement idealized in the 19th century, worsened by the practicality of the digital age.

Keywords: Coronavirus. Vaccination. Jair Bolsonaro. Word concept. Lexical choice.

¹ Doutoranda na Universidade Federal de Catalão pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT). Bolsista CAPES. E-mail: maiune20@gmail.com

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Com a celeridade da pandemia da COVID-19 no Brasil e no mundo no início de 2020, cientistas se uniram para produzir vacinas que combatessem o vírus e a sua letalidade. Desta feita, laboratórios privados, consórcios liderados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e chefes de governos de vários países formaram uma aliança internacional para financiar, produzir, aprovar, distribuir e garantir o acesso igualitário de imunização em todo o mundo.

O Consórcio *Covax Facility* foi coordenado pela OMS, e todos os líderes dos países foram convidados a participar e a contribuir financeiramente com as tecnologias para engendrar as vacinas rapidamente. Assim, cifras descomunais foram investidas na produção de tecnologias pioneiras na imunização.

Vale lembrar que o presidente Jair Messias Bolsonaro tinha por opção aderir doses para vacinar entre 10% e 50% da população e optou por solicitar a quantidade mínima, pagando cerca de 2,5 bilhões para participar do consórcio, recebendo 42,5 milhões de doses de um dos imunizantes em desenvolvimento contra a COVID-19. (RODRIGUES, 2020).

No primeiro semestre de 2020, quatro compostos candidatos à vacina começaram a ser testados no Brasil, fator que acabou destacando o Brasil na mídia internacional como um “laboratório de vacinas” (ANDREONI; LONDOÑO, 2020) pelo fato de aqui haver uma grande quantidade de óbitos e contágios durante o período de teste. Em janeiro de 2021 foram aprovadas e registradas definitivamente pela Organização Mundial de Saúde (OMS) quatro vacinas, quais sejam: Covishield (Astrazeneca/ Oxford), Comirnaty (Pfizer BionTech), a Coronavac (Butantan/Sinovac) e a Janssen (PINHEIRO, 2021).

Dito isto, o presente trabalho tem como objetivos realizar uma discussão e análise das declarações dadas pelo presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro sobre a campanha de vacinação contra COVID-19 no Brasil, tendo como *corpus* trechos de entrevistas inventariadas no site *G1* (CALGARO, 2021), que (re)faz uma linha do tempo cronológica, de fevereiro de 2020 a julho de 2021, relembrando algumas declarações polêmicas do presidente envolvendo as compras de vacinas; e nos jornais *Nexo* (CRUZ, 2021) e *Poder 360°* (QUEIROZ, 2022), que resgatam falas do presidente antes e depois da imunização. A escolha por estas fontes jornalísticas justifica-se pelo fato de elas reunirem trechos de entrevistas realizadas pelo presidente em momentos distintos, frisando a pouca ou nenhuma importância da vacinação para frear o vírus e a pandemia.

Para tentar conter a propagação do vírus, o presidente, inúmeras vezes, recomendou o kit-covid composto por Ivermectina (remédio para vermes e piolhos), hidroxicloroquina e cloroquina (usadas no tratamento de artrite reumatóide, lúpus e malária). Roso (2020) explica que o uso da hidroxicloroquina e da cloroquina no tratamento de COVID-19 justificou-se, a princípio, porque foi observado em experimentos laboratoriais que o vírus não se multiplicava por conta da ação anti-inflamatória dos fármacos, todavia, quando realizaram estudos com o coronavírus a eficiência não foi comprovada. Mesmo assim, a hidroxicloroquina e a cloroquina foram produzidas em massa pelos laboratórios do Exército Brasileiro, com apoio do presidente.

Partindo dessa trama pandêmica e negacionista, o presente trabalho embasará na teoria do léxico, especialmente no polêmico conceito de palavra, haja vista que é nosso intuito realizar uma análise desse contexto, ante as declarações do presidente acerca da vacinação da pandemia do vírus SARS-CoV-2, pelo viés lexical,

tendo como pressupostos teóricos Biderman (2001), Coelho (2019), Abbade (2011), entre outros e, posteriormente, apresentaremos as análises dos trechos extraídos dos sites supramencionados, de modo a identificar nuances semânticas nas falas do presidente.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: introdução, com a contextualização da pesquisa; procedimentos metodológicos, que retrata como o trabalho foi realizado; discussão breve sobre a criação da vacina e o que ocorreu naquele período; análise dos dados, considerando os dados inventariados nos três jornais, conclusão, retomando os principais dados obtidos e as referências bibliográficas.

P R O C E D I M E N T O S M E T O D O L Ó G I C O S

Este estudo caracteriza-se como bibliográfico, haja vista que enveredamos por autores que discutem o conceito de palavra no léxico para analisarmos o *corpus* que ora apresentamos. Para tanto, escolhemos três sites de notícias que repercutiram os discursos de Bolsonaro em ordem cronológica, a saber: *site G1*, portal de notícias vinculado à Globo, e os Jornais *O Nexo* e *poder 360°*, fontes jornalísticas independentes, que também reproduziram tais falas. A escolha por estas três fontes justificam-se por elas trazerem momentos diferentes dos discursos do presidente no período analisado tornando-as complementares para análise em tela.

Como os três *sites* trouxeram as notícias em ordem cronológica, prescindimos de tabelas para inventariar os dados e lançamos mão do método comparativo a fim de observar quais notícias se repetiram e quais não. Adotar esse método foi necessário para que as notícias veiculadas pelos jornais não se repetissem no artigo. Não utilizamos *software* para a recolha dos dados,

porque a disposição deles nas fontes jornalísticas nos ajudaram demasiadamente na coleta e análise dos dados. *Por fim*, lemos autores que discutem o complexo conceito de palavra no léxico para discutirmos as falas de Bolsonaro, de acordo com os pressupostos-teóricos dessa ciência.

CONCEITO(S) DE PALAVRA NO LÉXICO: BREVES APONTAMENTOS

É importante destacar que nosso lugar de fala se localiza no léxico, mais especificamente na Lexicologia, haja vista que é esta a teoria que embasa toda a discussão apresentada no texto em tela. Assim, o conceito de palavra será apresentado conforme teóricos que o discute partindo deste pressuposto.

O conceito de palavra é algo difícil de se definir na Linguística. Biderman (2001, p. 100) já dizia que o Linguista não sabe definir o que é palavra, nem tampouco delimitá-la, pois não há um sentido que seja válido de modo universal, isto é, não há uma palavra que se aplique a toda e qualquer língua para expressar uma dada realidade, porque cada cultura recorta uma realidade de maneira diferente.

Nesse sentido, a autora considera que, embora a palavra seja o “fantasma da linguagem”, todo falante, intuitivamente, tem consciência do que seja uma, independentemente de sua língua materna, pois ele consegue isolá-la, identificá-la e rotulá-la para outrem quando indagado. (BIDERMAN, 2001).

Nos rastros da autora (2001, p. 99), ela esclarece que “desde os gregos, a palavra foi considerada uma unidade significativa de articulação do discurso”, pois para Dionísio de Trácia, a frase tinha como unidade mínima significativa um conjunto de palavras gramaticais (BIDERMAN, 2001).

A Linguística moderna tem como uma de suas subáreas a Lexicologia e a Lexicografia, que possuem como objeto de estudo a *palavra*, mas a realidade nem sempre foi essa. Abbade (2011, p. 1333) declara que os estudos lexicais ficaram relegados a segundo plano durante muito tempo para dar lugar aos estudos gramaticais da língua (Sintaxe, Morfologia e Fonética). As palavras de uma língua eram simplesmente organizadas alfabeticamente e definidas a partir de sua literatura, formando os glossários que atualmente conhecemos e são objetos de estudo da Lexicografia.

Biderman (2001, p. 157) assevera que a Lexicologia privilegia a palavra como objeto central de seu estudo, mas isso não significa que ela prescindia ou rejeite outros modelos de análise linguística. Ora, se a Lexicologia privilegia o termo palavra como objeto central de seu estudo, porque alguns autores insistem em utilizar termos sinônimos como *lexia*, *lexema* e *vocábulo* para também se referirem às palavras?

Como já dissemos, *palavra* é um termo de definição imprecisa para os linguistas e estudiosos do léxico, por isso, alguns pesquisadores lançam mão de termos como *lexia*, *lexema* e, não raras vezes, *vocábulo* para denominar as unidades integrantes do léxico, haja vista que o significado deles é mais preciso. É sabido que a palavra é um termo genérico pertencente à língua (sistema) e não à fala, porque estão memorizadas em sua totalidade e não são criadas conforme o momento de interação do interlocutor. Concorde esta asserção, Coelho (2006, p. 61) relata:

A palavra é uma unidade significativa memorizada no seu todo, produzida pela atividade dos homens em sociedade. É uma unidade do sistema e não da fala, já que não é uma criação do indivíduo no momento da enunciação como é, por exemplo, a frase. [...] A palavra é a unidade de significação que todo falante tem consciência. Por isso a definimos como unidade significativa memorizada no seu todo. A palavra é unidade mínima de memorização.

No que diz respeito à *lexia*, ela é a forma que o *lexema* se assume no discurso, podendo ser variável ou invariável, a exemplo de “cantei”, “cantavam”, entre outras (BIDERMAN, 2001, p. 169). Coelho (2006, p. 62), por sua vez, assinala que expressões que possuem significação própria como “um Deus nos acuda”, “guerra de nervos”, “cachorro quente”, independentemente do significado das palavras que as compõem, memorizadas no seu todo e utilizadas pelo falante em seu repertório lexical, são denominadas *lexias* e estas podem ser categorizadas em simples, compostas ou complexas.

Pode-se observar nos exemplos dados pelos autores acima que tanto a *lexia* quanto a palavra podem ser constituídas por uma ou mais unidades. Segundo Coelho, a diferença principal entre *lexia* e palavra reside na constituição das unidades lexicais. Segundo ele:

A palavra é uma unidade significativa memorizada no seu todo, formada por morfemas; e a *lexia* é a unidade significativa memorizada no seu todo, formada por palavras. O constituinte imediato da palavra é o morfema; o constituinte imediato da *lexia* é a palavra. (COELHO, 2006, p. 62).

Além disso, a *lexia* é considerada uma unidade de comportamento sintático, quando simples, composta ou complexa, porque há uma relação de hierarquia entre os elementos que a constituem (COELHO, 2006). Para exemplificarmos esta asserção, consideremos a seguinte frase dita por Bolsonaro a seus apoiadores: “Se você virar um super-homem [...] eles não vão ter nada a ver com isso”. A sentença *não ter nada a ver com isso* é uma expressão idiomática cujo significado seria algo que não tem relação com outra coisa. Coelho (2019) assinala que uma das características que diferencia a expressão idiomática de palavra composta é o fato de essa ser rígida quanto à estrutura, não aceitando inserções de outras classes gramaticais em seu meio, por exemplo: no composto vocabular “pé de moleque”, não é possível inserir o adjetivo *gostoso*

em seu meio, apenas ao fim da estrutura composta; enquanto aquela permite, dentre outras coisas, que haja possibilidade de intercalação de determinantes ou outros elementos em seu interior, embora essa regra não seja fixa. Além disso, ela permite, também, que o verbo seja “flexionado em tempos, modos e pessoas diferentes obedecendo necessidades de adequação do discurso ao se realizar na frase” (COELHO, 2019, p. 154). No caso da expressão utilizada por Bolsonaro, houve a inserção do verbo auxiliar “ir”, conjugado na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, para fazer flexão com o pronome “Eles”.

No que tange à palavra, o autor (2006) considera que ela é uma unidade memorizada no seu todo formada por morfemas². É considerada por si mesma, sem que se faça relação dela com as demais existentes no contexto em que aparece, a exemplo de *infelizmente* que, quando segmentado, identificamos os seguintes constituintes: o prefixo *in* indica negação, *feliz* é um adjetivo com significado pleno e *-mente* é um sufixo, cuja função é transformar o adjetivo em advérbio.

Para os linguistas, o termo lexema diz respeito a uma unidade léxica abstrata da língua. Camara Júnior (1999, p. 156, grifos no original) relata que o lexema

[...] Designa um segmento de enunciação de forma livre e se opõe a outros para constituir a frase. Com mais precisão e rigor tecnológico que a palavra, assinala o caráter de unidade significativa e mórfica do segmento fônico considerado, mediante a combinação do radical do grego *lexis* “palavra” com o sufixo *-ema*, que indica naquela escola, sistematicamente, uma realidade lingüística acima da realidade física.

Concorde o autor, Pottier (1978, p. 82) diz que lexema é constituído por traços distintivos específicos (semantemas), genéricos (classemas) e conotativos (virtuemas). Logo, o lexema é uma forma abstrata, que possui significado e pode ser expansivo morfolexical e semanticamente.

² Morfema é a unidade mínima significativa (COELHO, 2006, p. 33).

Biderman (1984, p. 139) define lexema como “Unidade léxica abstrata que faz parte do léxico de uma língua. Ele se atualiza no discurso na forma flexionada com todas as marcas gramaticais exigidas pelo contexto.” Desta feita, o lexema *vacinar* pode atualizar no discurso como as lexias *vacina*, *vacinas*, *vacinados*, *vacinarei*, entre outros.

Vocábulo é sinônimo de palavra na língua comum, mas é um termo extremamente ambíguo, pois pode variar o significado a depender da área de estudo. Na Lexicologia, entende-se que o vocábulo é uma unidade linguística com significado pleno (substantivos, adjetivos e verbos) ou quando se une a outras (conjunções, preposições, pronomes oblíquos e artigos). Pode ser, também, compreendido como a unidade de análise do vocabulário. O *vocabulário* é o “conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorreram de fato neste discurso.” (CORREIA, ALMEIDA, 2012, p. 15). De modo geral, pode-se dizer que as unidades léxicas/lexias que caracterizam um dado grupo de falantes, ou são utilizadas por um autor em uma obra, por exemplo, são denominadas de vocabulário.

Devido à dificuldade de achar uma definição adequada para palavra, haja vista que a sua noção não é universal e, por isso, de difícil significação, teóricos do léxico utilizam *unidade léxica/ unidade lexical, lexia ou lexema* para evitar imprecisão e ambiguidade com termos comuns da língua, tais como palavra e vocábulo. Portanto, neste estudo, esses termos poderão ser utilizados como sinônimos quando nos referirmos às escolhas lexicais que se realizaram no discurso do presidente Bolsonaro.

VACINAS: ENTRE O EMPÍRICO E O CIENTÍFICO DESDE SEMPRE

Não é de hoje que a aplicação de vacinas causa dúvidas quanto à eficácia. Vale lembrar que a vacina chegou ao Brasil em 1804. Em 1904, um século depois, houve a Revolta da Vacina, no Rio de Janeiro, que à época era a capital brasileira. Esse movimento foi motivado pelo fato de as camadas populares rejeitarem a vacina contra varíola, doença que provocou um número muito alto de internações, cerca de 1.800, no hospital São Sebastião. Os principais motivos que levaram a população a rejeitar a vacina foram os rumores de que a vacina era fabricada com o líquido de pústulas de vacas contaminadas e havia boatos de que quem se vacinava ficava com a fisionomia semelhante à de bovinos (PORTAL FIO CRUZ, 2005).

Influenciado por Oswaldo Cruz, Rodrigo Alves, governante do Rio de Janeiro, enviou ao congresso um projeto para instituir a obrigatoriedade da vacina para a população. Decretada em 31 de outubro de 1837 e regulamentada em 9 de novembro de 1904, foi aprovada uma lei obrigando a aplicação da vacina. Estar vacinado era requisito básico para conseguir realizar atividades basilares, tais como: contratos de trabalho, matrículas em escolas, casamentos, viagens, entre outras. Assim, as casas eram invadidas para que as injeções fossem aplicadas mesmo contra a vontade dos moradores que, indignados com tamanha brutalidade, foram às ruas da capital para protestar (PORTAL FIO CRUZ, 2005). Tal posicionamento também foi repetido na atualidade com a vacina do Coronavírus, haja vista que estabelecimentos como casas de *show*, universidades, autoescolas, entre outros estão exigindo a caderneta de vacinação comprovando no mínimo duas doses para que o público pudesse frequentá-los.

Em 5 de novembro de 1837, foi criada a “Liga Contra Vacinação obrigatória”, que unindo um grupo de pessoas com propósitos em comum, foram às ruas reivindicar. Todavia, eles foram reprimidos pelos militares. Entre prisioneiros,

mortos, deportados e feridos, Rodrigo Alves desistiu da obrigatoriedade da vacina que estava em curva ascendente. Em 1908, quando o Rio foi atingido por uma violenta epidemia de varíola, o povo se viu obrigado a procurar assistência médica para serem vacinados (PORTAL FIO CRUZ, 2005).

Apesar de hoje se saber que as vacinas salvam vidas, ainda há um pequeno grupo que se mostra a favor do Movimento antivacina na atualidade, entre eles está o presidente Jair Messias Bolsonaro que, com o advento da pandemia do Coronavírus assolando e ceifando inúmeras vidas, se mostrou totalmente contrário às recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) para manter o distanciamento social, bem como foi uma máquina de propagação de notícias falsas sobre as vacinas e sua eficácia por intermédio de suas redes sociais.

Quando ainda candidato à presidência, Bolsonaro foi muito ativo nas redes sociais, principalmente no *Twitter*, o que o levou para mais próximo de seus eleitores e, conseqüentemente, à presidência. Todavia, percebe-se, desde o início de sua campanha, uma intensa rede de notícias falsas que foram disseminadas e tidas com valor de verdade entre seus simpatizantes.

Com a chegada da pandemia no Brasil, o presidente bombardeou seus discursos oficiais com notícias falsas acerca desse momento de calamidade pública. Entre suas *fake news* mais populares sobre a pandemia estão as de que a COVID-19 era apenas uma “gripezinha”, que o brasileiro não seria atingido por “ele não pega nada”, bem como que, depois de infectado, ele criaria anticorpos que ajudariam a não proliferar a doença (GOMES, 2020, não paginado). Atualmente, sabe-se que essas notícias não são verídicas, pois vários são os casos de pessoas que contraíram o vírus, não criaram anticorpos e, depois de algum tempo, foram recontaminadas.

Na verdade, até mesmo com as doses de vacina em dia, as pessoas ainda estão se contaminando, todavia estão tendo sintomas mais leves, o número de mortes foi reduzido e quase não há necessidade de internação em UTIs, tal como era o protocolo antes de iniciar a campanha de vacinação. Ademais, antes de serem liberadas para uso, as vacinas passam por rigorosas fases de testes que garantem sua eficácia para aplicação em seres humanos, sendo, portanto, uma forma eficaz e segura de prevenir e erradicar doenças, bem como de salvar vidas pelo fato de elas estimularem uma memória imunológica no organismo humano.

SOBRE AS DECLARAÇÕES DO PRESIDENTE BOLSONARO SOBRE A VACINAÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS

Desde que a vacinação iniciou no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro tem se mostrado contra a sua aplicação. Várias são as declarações dadas por ele demonstrando o seu descontentamento em relação à aplicabilidade dos injetáveis. Partindo dessa premissa, é nosso intuito analisar os argumentos do representante mor da república brasileira no que tange à vacinação. Para tanto, apresentaremos algumas das declarações proferidas por ele de julho de 2020 a março de 2021. A escolha por este recorte temporal justifica-se pelo fato de ser o período em que as discussões sobre a vacinação ficaram mais intensas, culminando nas primeiras declarações do presidente dadas no início da vacinação.

Em julho de 2020, o presidente estava em uma *live* nas redes sociais e deu a seguinte declaração: “Se fala muito da vacina da covid-19. Nós entramos naquele consórcio lá de Oxford. Pelo que tudo indica, vai dar certo e 100 milhões de unidades chegarão para nós. *Não é daquele outro país, não, tá ok, pessoal? É de Oxford³ aí?*” (BOLSONARO, 2020).
³ A vacina de Oxford é a Astrazeneca, um dos imunizantes mais injetáveis no Brasil no combate ao coronavírus.

2020 citado por CRUZ, 2021, não paginado, grifos nossos). As unidades lexicais “daquele outro país”, ditas pelo presidente de maneira irônica, fazem menção à China, país onde a pandemia foi iniciada. Certamente, Bolsonaro a criticou também, porque estas vacinas foram produzidas em parceria com o Instituto Butantan, vinculado ao governo João Dória, ex-aliado do presidente.

Em inúmeras entrevistas, o presidente cognominou a Coronavac de “vachina do Dória” e afirmou que não investiria nela pelo fato de que ela ainda não tinha sido aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). A aprovação do injetável ocorreu em 17 de janeiro de 2021 para pessoas com mais de 18 anos. Os primeiros a receberem a vacina foram os profissionais da saúde que trabalham na linha de frente de combate a COVID-19.

Desde então, Bolsonaro disse a apoiadores no Palácio da Alvorada que a vacina estaria liberada no país, que iria adquiri-la e disponibilizá-la gratuitamente aos interessados. (BOLSONARO FINALMENTE..., 2021). Vale lembrar que a proposta inicial do imunizante Coronavac ao presidente foi realizada da seguinte maneira: entregar 60 milhões de doses em 2020 e mais 100 milhões em 2021.

Esta vacina foi cercada de problemas e críticas, a saber: i) cerca de 12,1 milhões de doses foram interditadas pela ANVISA, em setembro de 2021, depois de o local de fabricação não ser inspecionado, nem aprovado para envase do imunizante (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021); ii) Apesar de o imunizante ser eficiente contra o coronavírus e estar sendo aplicado em crianças e adolescentes de 6 a 17 anos, em adultos e idosos, a aplicação poderá ser suspensa no Brasil em 2022, pois segundo o Ministério da Saúde, ela não possui registro definitivo da ANVISA e teve uma baixa efetividade na população com mais de 80 (oitenta) anos. (FELICE, 2021). É importante mencionar

que mesmo com essa suposta baixa efetividade em idosos com mais de oitenta anos, notou-se uma queda no número de mortes no Brasil após iniciar as campanhas de vacinação; inclusive, alguns países já aboliram o uso da máscara depois de ter ampla cobertura vacinal.

A AstraZeneca, vacina de Oxford exaltada pelo presidente é uma vacina de vetor viral, possuindo material genético completo da proteína spike. É composta pelo adenovírus, um vírus encontrado em chimpanzés, o qual é manipulado e inserido no gene da proteína spike (proteína “S”) do Sars-CoV-2. Sua segurança e imunogenicidade foram determinadas em 4 estudos randomizados, duplo-cego e controlados realizados no Reino Unido, Brasil e África do Sul. Sua eficácia é de 76% após a primeira dose e 81% após a segunda (QUAIS SÃO..., 2021?).

Já a Coronavac lança mão da tecnologia do vírus inativado que ao ser injetado no organismo induz resposta imunológica. O ensaio clínico desta vacina foi realizado com profissionais da saúde que estiveram expostos ao vírus com frequência. O intervalo entre as doses devem ser entre 14 a 28 dias. Sua eficácia pode chegar a 62,3%, caso haja intervalo entre as doses de 21 ou mais dias (QUAIS SÃO..., 2021?).

O que se percebe entre as duas vacinas é que a Coronavac tem uma eficácia menor que a AstraZeneca e que a tecnologia utilizada para fabricá-la se difere, mas isso não tira o mérito e a eficácia dela enquanto imunizante para combater o vírus, haja vista que nenhuma vacina é 100% efetiva no combate às doenças. Independente da vacina, é importante imunizar-se, pois isto é um ato de amor com você e para com o próximo.

Em outro pronunciamento no Palácio da Alvorada, em 01 de setembro de 2021, o presidente deu a seguinte declaração: “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina” (BOLSONARO, 2021, citado por CALGARO, 2021, não paginado). O

discurso do presidente foi replicado em uma rede social pela Secretaria de Comunicação (SECOM) com o seguinte acréscimo: “O governo do Brasil preza pelas liberdades dos brasileiros”. O pronunciamento do governo e da SECOM foi amplamente criticado por especialistas, haja vista que o discurso do presidente e da secretaria de comunicação influencia diretamente as decisões da população. Lembramos que é dever de autoridades públicas, bem como de profissionais da saúde, informar e conscientizar a sociedade sobre a importância da vacinação para erradicar doenças. Honorato (2020) esclarece que a Sociedade Brasileira de Imunizações enfatizou que as políticas de vacinação contribuíram eficazmente para diminuir a mortalidade, aumentando a qualidade e a expectativa de vida da população em todo o mundo.

O presidente da Sociedade Brasileira de Imunologia, Ricardo Tostes Gazzinelli, apontou que o posicionamento de Bolsonaro lança um descrédito sobre a imunização no país. Segundo ele “De uma maneira, essa fala pode levar pessoas a não quererem se vacinar, não darem importância à vacinação. Então, se nós chegarmos a ter uma vacina com eficácia significativa, isso [a fala do presidente] pode prejudicar o controle da Covid” (GAZZINELLI, 2020, citado por HONORATO, 2020, não paginado).

Consoante a diretora da Sociedade Brasileira de Infectologia, Lessandra Michelin, vacinar, mais que um ato de amor, é uma maneira fundamental de atingir o que se conhece como “imunidade de rebanho”, isto acontece quando a grande parcela populacional está imunizada e os que se contaminam, vacinados ou não, têm menor probabilidade de propagar a doença (MICHELIN, 2020, citada por HONORATO, 2020, não paginado).

Em 19 de setembro de 2020, o presidente relatou: “Há uma lei de 1975 que diz que cabe ao Ministério da Saúde o Programa Nacional

de Imunizações, ali incluídas possíveis vacinas obrigatórias. A vacina contra o Covid – como cabe ao Ministério da Saúde esta questão – não será obrigatória” (BOLSONARO, 2020 citado por CALGARO, 2021, não paginado). Com estes dizeres, o presidente, mais uma vez, colocou nas mãos dos prefeitos das cidades a decisão de imunizar o povo e deixou ao povo o livre arbítrio de se vacinar ou não, mesmo sabendo das consequências que poderiam surgir, quando se negou a inseri-la de modo permanente no Programa Nacional de Imunizações, alegando que ela não se tornaria obrigatória.

Ele sempre realiza um discurso que preza pela liberdade de escolha dos brasileiros, principalmente daqueles que, deixados levar pelo discurso presidencial, escolhem não se vacinar. É importante mencionar que nunca na história do Brasil houve tanta resistência para se imunizar de um vírus avassalador que está matando pessoas, por isso a importância de especialistas no assunto reforçarem a relevância da vacinação não apenas contra este vírus, mas para todos os outros que já surgiram, bem como a prática do distanciamento social, do uso de máscaras e da higienização das mãos.

Em 20 de outubro de 2020, Eduardo Pazuello anunciou a compra pelo governo federal da vacina Coronavac. No dia seguinte, Bolsonaro desautorizou a compra pelo ministro, referindo-se à Coronavac como “vacina chinesa do João Dória” e diz que ela não seria comprada porque “o povo brasileiro não é cobaia de ninguém. Não se justifica um bilionário aporte financeiro num medicamento que sequer ultrapassou a fase de testagem” (BOLSONARO, 2020 citado por CRUZ, 2021, não paginado). Sobre esta vacina, já discutimos acima, por ora nos balizamos a dizer que, apesar de o governo ter se manifestado contra a vacinação de pessoas com esta vacina, interrompendo as negociações e, conseqüentemente, atrasando a

entrega delas, ela se mostra eficaz e previne mortes e internações tanto quanto as outras que estão sendo aplicadas concomitantemente.

Em novembro de 2020, o presidente, mais uma vez, repetiu o discurso contrário à vacinação, quando a ANVISA suspendeu os testes da vacina chinesa por dois dias, quando houve a informação de que um voluntário, que se prontificou a tomar a vacina quando os testes estavam sendo realizados, havia falecido. A notícia foi recebida com preocupação por Dória; Bolsonaro, por sua vez, utilizou as redes sociais para comemorar: “Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Doria queria obrigar todos os paulistanos a tomá-la. O presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha” (BOLSONARO, 2020 citado por CRUZ, 2021, não paginado).

No início de dezembro de 2020, após ser pressionado a apresentar um plano de vacinação pelo ministro do supremo Ricardo Lewandowski, o ministro Eduardo Pazuello anuncia um acordo de intenção de compra de vacinas Pfizer para possível aplicação em dezembro do mesmo ano. Bolsonaro, nesta mesma época, preconiza exigir um “termo de responsabilidade” para quem fosse vacinado (BOLSONARO, 2020 citado por CALGARO, 2021, não paginado). Esta medida foi extremamente criticada por especialistas por dois motivos: i) a vacina havia sido aprovada pelas autoridades sanitárias competentes e, também, porque ii) ela diminuiria a cobertura vacinal por causa da burocracia imposta às pessoas que estariam dispostas a se vacinarem.

Em outra entrevista, Bolsonaro, ao comentar uma cláusula da Pfizer, realiza a seguinte afirmação:

E na Pfizer [contrato da Pfizer] tem lá: nós [Pfizer] não nos responsabilizamos. Se eu virar um chi, se eu virar um jacaré, se você virar super homem, se nascer barba em alguma mulher, ou algum homem começar a falar fino... e o que é pior: mexer no sistema imunológico das pessoas. (BOLSONARO, 2020 citado por

As escolhas lexicais do presidente geraram bastante repercussão, principalmente pelo fato de ele dizer que as pessoas poderiam virar jacaré. É óbvio que ele poderia ter realizado outras escolhas lexicais para citar especificamente esta cláusula da farmacêutica, todavia, o presidente parece não se preocupar em realizar um discurso polido, mesmo quando em frente às câmaras.

Como forma de protestar e ironizar essa fala, os pró-vacinas utilizaram um filtro do Instagram de jacaré ao lado do cartão de vacina, quando imunizados e, não raras vezes, a foto vinha acompanhada da *hashtag* **jacaré**. Em momento posterior, ele criticou quem estava tirando foto com o filtro e revelou que sua declaração era hiperbólica, uma vez que ele poderia ter mencionado qualquer outro animal para falar dos efeitos colaterais da vacina. O que notamos é que, muito mais que utilizar uma figura de linguagem, o presidente realiza uma inversão de valores, uma vez que ao mencionar que o ser humano se tornará jacaré, ele torna quem se imunizou num ser irracional, quando o discurso deveria ser totalmente contrário.

É digno de nota, ainda, a fala dele sobre alteração no sistema imunológico das pessoas. É sabido que nenhuma vacina altera o sistema imunológico do ser humano, pelo contrário, ela confere maior imunidade a quem recebe, pois ao atuar no sistema imunológico do indivíduo, ela produz anticorpos, um sistema de segurança e prevenção. No caso da vacina da Covid-19 pouco se sabe da imunidade que o vírus e a vacina podem conferir ao ser humano, todavia, já se constatou que ser contaminado pelo vírus não imuniza o organismo, por isso, a melhor decisão ainda é se vacinar, haja vista que esta dá imunidade maior e mais duradoura a quem a recebe.

Em meados de dezembro de 2020, Bolsonaro declarou o seguinte: “A pandemia, realmente, está

chegando ao fim. Temos uma pequena ascensão agora, que chama de pequeno repique que pode acontecer, mas a pressa da vacina não se justifica” (BOLSONARO, 2020, citado por CRUZ, 2021, não paginado). Nestes dizeres, mais uma vez, as escolhas das unidades léxicas do presidente fazem jus ao movimento de liberdade que ele sempre deixou claro, embora soubesse das consequências que ela poderia trazer aos que o seguissem. Ao contrário do que ele mencionou na entrevista, a pressa pela vacina se justificava, porque neste período o Brasil teve o maior número de mortos desde setembro, chegando a 18,5 mil mortes por Covid, aumentando cerca de 40% em relação ao mês anterior (PINHEIRO, 2020, não paginado).

Em 17 de janeiro de 2021, a ANVISA autorizou o uso emergencial das vacinas Coronavac e da AstraZeneca. No mesmo dia, João Dória televisionou a primeira aplicação da Coronavac em uma enfermeira de São Paulo. No dia seguinte, Bolsonaro ponderou em uma entrevista que o imunizante “é do Brasil, não é de nenhum governador não” (BOLSONARO, 2021, citado por CRUZ, 2021, não paginado). Esta declaração, de certa forma, acusa o governador João Dória de utilizar o imunizante para se promover politicamente.

Em março de 2021, quando a crise foi agravada pela falta de vacinas nos postos de algumas cidades, o Congresso, os governadores e alguns prefeitos fizeram pressão para que o governo Bolsonaro investisse em mais imunizantes para além dos aprovados pela ANVISA. Em um compromisso presidencial em Uberlândia, Minas Gerais, o presidente ponderou: “Tem idiota nas redes sociais, na imprensa, ‘vai comprar vacina’. Só se for na casa da tua mãe! Não tem para vender no mundo!” (BOLSONARO, 2021 citado por CRUZ, 2021, não paginado). Apesar de ser contra a vacinação, acreditamos que o presidente deveria, minimamente, fazer escolhas lexicais adequadas

para se comunicar com seus eleitores, o que não se percebe nas falas do excelentíssimo. “idiota” e “só se for na casa da tua mãe!” são unidades léxicas impróprias para o momento em que o presidente se encontrava, uma vez que todas as suas falas, devido à posição que ele ocupa, são propagadas com rapidez pelos meios de comunicação de massa. Vale lembrar, ainda, que as lexias escolhidas pelos cidadãos para se comunicar são carregadas de ideologias e expressam, muitas vezes, o matiz cultural, as crenças e os valores que o outro carrega. Sobre esta asserção, faz-se pertinente às palavras de Bakhtin (1997, p. 310) ao ponderar que,

a significação da palavra se refere à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal. É por esta razão que não só compreendemos a significação da palavra enquanto palavra da língua, mas também adotamos para com ela uma atitude responsiva ativa (simpatia, concordância, discordância, estímulo à ação).

No caso da fala do presidente, notamos que ele foi insolente para com os brasileiros e, principalmente, com seus eleitores que estavam prestigiando-o no evento.

Por fim, ainda em março de 2021, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um discurso pró-vacina e criticou o governo federal pelo discurso antivacina no Brasil. Devido à boa repercussão da fala pelos eleitores, o senador Flávio Bolsonaro, filho do presidente, escreveu no mesmo dia em seu perfil do *Twitter*: “Nossa arma é a vacina”, acompanhada de uma imagem do Zé gotinha segurando uma vacina gigante, fazendo alusão ao armamento que eles tanto defendem. Horas mais tarde, o presidente, certamente influenciado pela fala do ex-presidente, em um evento no Palácio do Planalto em Março, usando máscara, algo que ele se recusou a fazer durante toda a pandemia, defendeu a vacinação dizendo: “Vacinamos 100% dos idosos acima de 85 anos, entre eles a minha mãe. Até o final do ano, teremos mais de 400

milhões de doses disponíveis aos brasileiros”. Esta fala causou espanto nos brasileiros, pois uma pessoa tão resistente à vacinação, também poderia ser rígido em relação à vacinação de seus parentes consanguíneos. Após essa declaração, várias foram as pessoas que se manifestaram em suas redes sociais recordando a rivalidade política entre o atual presidente e Luiz Inácio Lula da Silva, uma vez que Bolsonaro sempre privilegiou a não-vacinação e, conseqüentemente, a morte dos brasileiros que, antes de acontecer no corpo, como uma possível consequência da vacinação, se materializou nas palavras do Excelentíssimo senhor presidente da república.

NOTAS CONCLUSIVAS

O presente trabalho teve como intuito discutir declarações dadas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro sobre a vacinação contra Covid-19, no Brasil, no período de julho de 2020 a março de 2021, tendo como *corpora* três sites jornalísticos, levando em consideração as suas manifestações sobre o tema. Nesse sentido, os resultados apontaram que o chefe do executivo, em seus pronunciamentos, sempre preconizou a não vacinação por motivos diversos, tais como anomalias, alteração do sistema imunológico, mudança de gênero e, principalmente, por questões políticas. Todavia, especialistas do assunto defenderam veementemente a vacinação alegando que os discursos do presidente não se justificavam por não serem respaldados cientificamente.

Constatamos ainda que, nas declarações presidenciais, há um *continuum* do movimento antivacina iniciado em 1904. Atualmente, diferentemente daquela época, a desinformação é repassada virtualmente, alcançando um grande número de pessoas que endossa a ideia de não se vacinar justamente por não se informarem com especialistas nem em fontes em que é possível fiar,

preferindo confiar nos discursos do presidente transmitidos pelas redes sociais.

Por fim, destacamos que pelos caminhos do léxico foi possível ponderar sobre uma história em que as cenas estão sendo escritas por unidades lexicais de um presidente que, na história do Brasil, está deixando rastros de obscurantismos, vestígios de *fakenews* e evidências de dor e morte.

REFERÊNCIAS:

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A Lexicologia e a teoria dos campos lexicais. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, N° 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1332-1343.

ANDREONI, M.; LONDOÑO, E. Coronavirus crisis has made Brazil an ideal vaccine laboratory. **The New York Times**, New York, 15 Aug. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/08/15/world/americas/brazil-coronavirus-vaccine.html> Acesso em: 20 ago. 2020.

A REVOLTA da vacina. **Portal Fiocruz**. abr. 2005. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/revolta-da-vacina-2>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a

partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina

Appenzellerl. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 28, n. 1, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3683>. Acesso em: 21 mar. 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001

BOLSONARO finalmente se manifesta sobre vacina e dá alfinetada em Dória. **Catraca livre**. fev. 2021. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-finalmente-se-manifesta-sobre-vacina-e-da-alfinetada-em-doria/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

CALGARO, Fernanda. Governo Bolsonaro e as vacinas contra COVID-19: veja a cronologia e entenda as polêmicas. **G1**. jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/17/governo-bolsonaro-e-as-vacinas-cronologia.ghtml>. Acesso em: 05 out. 2021.

COELHO, Braz José. **Estrutura e funcionamento da Língua Portuguesa**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

COELHO, Braz José. **Procedimentos de lexicalização**: unidades morfolexicais formadas por palavras. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2019.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia do português**. São Paulo: Parábola, 2012.

CRUZ, Isabela. Como Bolsonaro atacou e atrasou a vacinação na pandemia. **Nexo**. mar. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/21/Como-Bolsonaro-atacou-e-atrasou-a-vacina%C3%A7%C3%A3o-na-pandemia>. Acesso em: 02 mar. 2022.

FELICE, Rafael. CPI dá 48 h para Queiroga informar sobre descontinuidade da Coronavac em 2022. **Correio Brasiliense**. out. 2021. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2021/10/4953556-cpi-da-48h-para-queiroga-informar-sobre-descontinuidade-da-coronavac-em-2022.html>. Acesso em: 02 mar. 2022.

GOMES, Pedro Henrique. Brasileiro pula em esgoto e não acontece nada, diz Bolsonaro em alusão a infecção pelo coronavírus. **G1**. mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/26/brasileiro-pula-em-esgoto-e-nao-acontece-nada-diz-bolsonaro-em-alusao-a-infeccao-pelo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2021.

HONORATO, Raquel. Especialistas criticam fala de Bolsonaro sobre não poder 'obrigar ninguém a tomar vacina'. **G1**. set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/02/especialistas-criticam-fala-de-bolsonaro-sobre-nao-poder-obrigar-ninguem-a-tomar-vacina.ghtml>. Acesso em: 02 mar. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE bloqueia lotes da Coronavac com uso suspenso pela Anvisa. Set. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021-1/setembro/ministerio-da-saude-bloqueia-lotes-da-coronavac-com-o-uso-suspenso-pela-anvisa>. Acesso em: 02 mar. 2022.

PINHEIRO, Chloé. Tudo sobre as vacinas contra a COVID-19 sendo aplicadas no Brasil. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/tudo-sobre-as-vacinas-contra-a-covid-19-sendo-aplicadas-no-brasil/>. Acesso em: 04 out. 2021.

PINHEIRO, Lara. Dezembro tem maior número de mortes por Covid-19 no Brasil desde setembro, indicam secretarias de Saúde. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/29/dezembro-tem-maior-numero-de-mortes-por-covid-19-no-brasil-desde-setembro-indicam-secretarias-de-saude.ghtml>. Acesso em: 05 mar. 2021.

POTTIER, Bernard. **Linguística Geral**: teoria e descrição. Tradução e adaptação Walmírio

Macedo. Rio de Janeiro: Presença; Universidade de Santa Úrsula, 1978. (Coleção Linguagem,

n. 7).

QUAIS SÃO as diferenças entre as vacinas contra COVID-19 que estão sendo aplicadas no Brasil. **Instituto Butantan**. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/quais-sao-as-diferencas-entre-as-vacinas-contra-covid-19-que-estao-sendo-aplicadas-no-brasil>. Acesso em: 04 mar. 2022.

RODRIGUES, Fernando. Brasil optou por cobertura mínima ao aderir a aliança global por vacina. **Poder360**. dez. 2020. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-optou-por-cobertura-minima-ao-aderir-a-alianca-global-por-vacina/>. Acesso em: 04 out. 2021.

ROSO, Larissa. Saiba as diferenças entre cloroquina e ivermectina, remédios sem comprovação de eficácia contra o coronavírus. **GZH**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/07/saiba-as-diferencas-entre-cloroquina-e-ivermectina-remedios-sem-comprovacao-de-eficacia-contra-o-coronavirus-ckcnsfyfc0083013g50w4ddf8.html>. Acesso em: 05 out. 2021.

QUEIROZ, Vitória. 2 anos de covid: relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. **Poder 360**. mar. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

Submissão: março de 2022.

Aceite: maio de 2022.